

# Avanços, recuos e modulações

Por **Murillo de Aragão** - 13 de agosto de 2023



*O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro da Casa Civil, Rui Costa. Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil*

Os movimentos do governo têm sido e continuam sendo previsíveis para os principais atores políticos. As etapas foram cumpridas à risca. Inicialmente, após as eleições, Lula encetou uma narrativa alinhada com seu público, mas desalinhada em relação aos centristas que o apoiaram. Lembrem-se, por exemplo, das idas e vindas de Arminio Fraga. A transição, com mais de 400 pessoas, foi uma festa de feira da uva na qual muito se falou e pouco se ouviu.

A segunda etapa foi montar um ministério desproporcional ao tamanho da representação eleita no Congresso. O objetivo era ocupar espaços para, se necessário, trocá-los por apoio político. Essa estratégia de ocupação é igual a de quem chega cedo ao jantar de gala para reservar os lugares dos convidados que virão depois. A estratégia incluiu inflar a Esplanada com a criação de mais de uma dezena de pastas. Ministérios de placa oficial dos carros pretos, como dizia FHC.

I  
tamente, Lula deslocou José Múcio para o Ministério da Defesa e desmontou a  
× le resistências institucionais que atrapalhariam o seu governo. A iniciativa não foi  
compreendida por parte do seu entorno — por desinteligência, preconceito ou ambos. E  
Lula ainda reservou para si a condução da relação com os militares, a partir do bom  
relacionamento que cultivou com eles em suas gestões anteriores.

“O que o presidente Lula quer é fazer uma omelete quebrando o mínimo possível de ovos”

O episódio de 8 de janeiro, por seu impacto político e midiático, ajudou o governo, que  
ganhou uns 45 dias sem ser pressionado por sua fragilidade política. Quando o Congresso  
reagiu, negando apoio a medidas provisórias, assegurando a manutenção de reformas,  
defendendo a autonomia do Banco Central e a privatização da Eletrobras, o Executivo sentiu  
que teria de recuar e abrir espaço no governo ao Centrão.

Marcando a terceira etapa, o recuo vem ocorrendo desde então na chamada “velocidade  
Pinheiro Machado”, senador do início da República: nem tão devagar que pareça afronta,  
nem tão depressa que pareça medo. Assim, o segundo semestre abre com uma agenda de  
recuos e de ocupação de espaços pendentes. Não se sabe ainda que espaços serão cedidos  
nem tampouco quem da base governista sairá no prejuízo. O certo é que partidos que  
apoiaram a campanha de Lula serão afetados.

O que Lula quer é fazer uma omelete quebrando o mínimo de ovos possível. A arte de ceder  
espaços em política exige perícia. Em seu primeiro governo, cercado do receio de tudo dar  
errado e de figuras experientes, como Luiz Gushiken, José Dirceu, Aldo Rebelo, Antonio  
Palocci e Henrique Meirelles segurando as pontas do BC, o governo cometeu erros graves  
que resultaram no mensalão.

Agora, a turma que governa mistura voluntarismo, alguma experiência, muita inexperiência  
e um Congresso muito mais forte e esperto do que o de 2003. Assim, será grande o desafio  
de agregar apoios, desalojar aliados e abrigar novos aliados. Nesse processo, há uma  
certeza: o apoio a ser obtido não será integral, já que a reciprocidade do espaço político  
também não será.

Com o governo é a divisão e a falta de narrativas da oposição. Enquanto isso, a oposição governista passa, construindo as bases para a consolidação de uma elevada popularidade.

Publicado em VEJA de 11 de agosto de 2023, edição nº 2854

## Autor

### Murillo de Aragão

Murillo de Aragão: Advogado, jornalista, cientista político, professor e presidente da Arko Advice. Mestre e doutor em Ciência Política, membro de várias associações acadêmicas. Ex-membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República. Palestrante internacional e autor de livros. Colunista na revista Isto É e no jornal O Estado de São Paulo. Professor-adjunto na Columbia University.

[View all posts](#) 

